Paulo de Tarso Cabrini Júnior

To Hellena

EDIÇÃO DO AUTOR
2003

ISBN 85-913808-5-1

□□□□□□□□□□□□□□□□

TO HELLENA

diário poético
setembro a novembro de 2003
paulo de tarso cabrini júnior
duartina-SP

□□□□□□□□□□□□□□□□

Ao presente do futuro
ou
ao futuro do presente

Ela não veio...
Mas já está aqui...

Robert Morena, *The Endless Wedding*, part II



(a casa branca)

Trouxe a guitarra para cá.

Tento tirar dela o som de gaivota
que ouço numa música chamada
"A Marquise Azul".

A casa onde eu estou é branca.
E a minha marquise é branca
e longa. Uma sacada branca
avançando sobre uma casinha que
– acredite – é toda enfeitada, por dentro,
e por fora é cercada de altas plantas; hibiscos.
É toda verde, então, ao seu redor.
E vermelha, amarela e azul, por dentro,
onde se espalham esses enfeites, pedacinhos de
papel-manteiga.
No quintal, uma bandeira de S. João, há anos
renovada.

À esquerda do meu terraço, a rua se torna estrada
e termina, depois de nove quilômetros, num
mirante.

Final do município. Ali se estende, fundo e imenso,
o leste, e Bauru parece um colar de amarelas,
estendido na Terra.

À minha frente, além da casinha que já disse,
longe nos passos verdes, uma curva de serpente azulada
leva os carros a Cabrália, entre morros de grama e árvores.

E à minha direita, a rua vai descer
pelo recinto das festas maiores de outubro,
e pelo quadro da cidade inglesa que Duartina não é;
vai descer para as casas no vale, que agora não vejo
– porque é noite, também, e está frio...

Por essa rua que desce à minha direita,
lá no fundo do vale, e na fronteira da cidade e do campo,
mora você. Sei disso, aqui, em minha torre.
E as minhas palavras descem a rua...

Lamento fazer de você
uma vítima das minhas palavras.
Lamento que seja para você
que envio as mensagens do meu coração, agora
– nesse "agora" estranho, que parece um
sempre...

Toda minha alma se volta para o infinito, para o
eterno
e para o futuro. E às vezes caminho tão longe
sobre as pedras que avançam no Mar
que me é difícil conversar com os outros...
Perco a linguagem, quando meu rosto imerge
no vento do Mar aberto...

Gostaria mesmo de não revelar a ninguém
a minha alma tão pesada. Mas não posso...
A seriedade do meu compromisso me constrange.
Perdi o humor quando as minhas sensações viram
Deus.
A partir daquele momento eu não conseguiria mais
viver no presente. Vivo no futuro, e para o futuro.
Por isso estou em meu terraço.

Numa casa branca, no exterior e no interior,
aqui, onde se ouve o eco de um mínimo barulho.
Não tenho nada além disto:
um aparelhinho de som, um colchão (para servir de sofá),
uma flauta, um caderno e uma guitarra (de meu irmão).

.....
.....
.....

não sei como você ouve esta música
da minha marquise branca...

.....
.....
.....

Não responda minhas cartas...
Não responda...
O que lhe parecer estranho, não responda...

Mas ao menos tenha a bondade, senhora,
de receber secretamente, em seu coração,
quem só lhe quer bem...
Guarde em seu coração as minhas palavras
e isso já me bastará...

...

Eu gostaria de pegar em tua mão...

Se eu abrir os olhos da alma
posso sentir que pego as suas mãos
e dedilho os seus dedos
como em duas harpas macias e frias.
Com um som de veludo
o calor das minhas mãos
passa em tuas palmas agora quentes.
E trago-as para o meu coração...

Senhora, não responda o que lhe parece estranho...

Mas ao menos receba as minhas palavras...

...

...

Agora o sono vai me levando...
Talvez eu durma aqui mesmo,
na fria brancura,
entre flautas e guitarras...

talvez eu te veja, entre moitas de alecrim e rosas...

como será o seu cabelo quando é sol?...

de que cores serão os seus olhos?...

(sexta, 12 de setembro, 0:00)

domingo, 14 de setembro, 23:20

(family)

Que a loucura esteja fora de mim…
Que eu possa lhe dar o braço da minha alma.
E que ela caminhe fazendo graça aos pássaros
e eu, cuidando dela, jamais me sinta velho.
Porque é um fato: ela veio.
Como estava prometido no meu sangue
desde a festa de casamento
de mim com a carne.
Hereditariedade.
Tomou-me como febre.
Veio de trás, como nuvem ardente,
e comprometeu toda a minha existência.
Mas não vou tratá-la como indigente.
Pois está certo.
Não há nada fora de seu lugar:
Tenho a loucura, e não vou maltratá-la.
Meu maior e mais certo objetivo
é, pelo menos, torná-la desposável.

(lonesome tonight)

Sozinho.

Não penso em você.

Penso além de você.

Lembro vagamente do seu rosto.

em minha alma, em minha mente,
em minha imaginação – ou seria mais certo dizer
“em meu Amor”? – você não tem um rosto.

Você é um sentimento de alegria.

Eu te vejo um vestido bege e florido.

E as guitarras cortejam, como cantigas de roda,

quando passas noturna pelo parque de diversões.

Eu vejo o futuro.

E ele é de ajoelhar e rir ao sol.

(beyond you, the Light you)

Nunca imaginei um lar
onde fosses feliz, e eu feliz contigo...

mas o ar...

é além de mim e de você
que sinto o beijo...

Se eu te beijo tão brilhantemente
é somente porque não és, nem jamais serias minha...

Imerso no seu Vinho, sou também
esse Vinho.

Um vinho dourado.

E meu coração é calmo
de haver satisfação no Céu...

***

Como separar a imaginação e a realidade

quando a imaginação tem violinos tão fortes

desatados pelo asfalto, e tremendo

a atmosfera das Possibilidades...

***

O Rei Midas transformava em ouro tudo o que tocava.
Por isso, não podia mais comer nem amar,
sem que os frutos, as moças e os amigos, tudo e todos
se transformassem n´ouro.

(já esqueci, Helena, o propósito de contar-lhe a história...)

***

Faço de você
o que você não é...
Deverei pedir desculpas?

Então, desculpe-me...

Sou muito bobo, mesmo...

Afinal de contas, qual é o meu objetivo
ao te mandar esses e-mails?...

Se eu dissesse que não sei, estaria mentindo.

O mais certo é dizer que
não tenho objetivo nenhum.

Não pretendo nada.

Eu apenas te amo
porque você apareceu em meu caminho.

E você é leve em minha lembrança
como folha...

(domingo, 14 de setembro, 23:20)

{segunda-feira, 15 de setembro de 2003}

(new old house)

Hoje de manhã, acordei com o barulho das telhas
(o telhado de minha casa está sendo trocado).

Passando pelas frestas do forro,
caindo pelos filtros da madeira, a luz
desenhava amarelas loucas e engraçadas
no alto das paredes brancas.

E o barulho que se fazia em cima
era grande, às sete da manhã,
como se os deuses tivessem ordenado aos titãs:
"Troquem o telhado", e no tumulto viessem,
refugiados de uma outra floresta,
diferentes besouros e estranhos grilos,
e libélulas amarelas jamais imaginadas

Cai o pó das telhas velhas
pela casa.
Dir-se-ia que uma cripta se desfaz.
Corroídas de musgo, as telhas vão...
Se eu voltasse a ter sete anos
estaria chorando: "Tadinha das telha..."
– e guardaria um pedacinho no caixote...

Cai o pó das telhas velhas,
e o sol vem, sobre o forro de madeira.
Lava o sótão, completamente.
E as moças pálidas tomam sol
depois de tantos anos...

Forro banhado de sol...

Novo telhado...

Já se sente o frescor
dos anos idos...